



A mídia e a publicação sobre suicídio: algumas reflexões¹

Graziely Martins MOESSA²
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre publicação de suicídio pela mídia como um mecanismo de apelo discursivo ao retratar a morte. O enfoque deste trabalho é a veiculação de suicídio de jovens publicadas, em Mato Grosso, pelo jornal Diário de Cuiabá. Os elementos de análise foram duas matérias de suicídio de jovens, com idades entre 21 e 23 anos, publicadas em 2009 pelo jornal Diário de Cuiabá. A análise baseia-se no código de ética dos jornalistas brasileiros e manuais de orientação para mídia de publicação de suicídio, como a mídia veicula os atos suicidas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; suicídio; adolescência; jornal Diário de Cuiabá.

Introdução

O suicídio por vários séculos é analisado, julgado e condenado pelas perspectivas teológicas e jurídicas conforme aponta Durkheim (2000, p.422-3):

Assim que as sociedades cristãs se constituíram, o suicídio foi formalmente proscrito delas. Já em 452, o concílio de Arles declarou que o suicídio era um crime e só podia ser efeito de um furor diabólico. Mas foi apenas no século seguinte, em 563, no concílio de Praga, que essa prescrição recebeu sanção penal. Decidiu-se então que os suicidas não seriam ‘honrados com nenhuma comemoração no sagrado sacrifício da missa e que o canto dos salmos não acompanharia seu corpo ao túmulo’. A legislação civil inspirou-se no direito canônico, acrescentando penas materiais às penas religiosas. Um capítulo das Ordenações de São Luís regulamenta especialmente a matéria; o cadáver do suicida era processado diante das autoridades que tivessem competência para o caso de homicídio alheio; os bens do morto eram tirados dos herdeiros naturais e iam para o barão. Um grande número de costumes não se contentavam com o confisco e prescreviam ainda diferentes suplicios: ‘Em Bordeaux, o cadáver era pendurado pelos pés; em Abbeville, era arrastado pelas ruas sobre

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010, orientada pela Prof^a. Ms. Anna Maria Penalva Mancini, CUA/ICHS/UFMT, Barra do Garças – MT.

² Tecnóloga em Marketing de Varejo pelas Faculdades Cathedral – MT, estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFMT - MT, email: grazymoessa_bg@hotmail.com



uma grade; em Lille, sendo o homem, o cadáver, levado ao patíbulo, era pendurado; sendo mulher era queimado.

Cada sociedade em determinadas épocas interpreta o suicídio de maneiras diferentes conforme explica Sampaio (2002, p.22-3):

Na Roma clássica, por exemplo, o suicídio era visto de modo neutro ou mesmo positivo, mas no século IV a posição radical de Santo Agostino, ao rejeitar o suicídio, veio modificar profundamente o modo de encarar. No século XIII, S. Tomás de Aquino retoma a ideia do suicídio-pecado, ao afirmar que só Deus tem o direito a dar e a tirar a vida, posição que caracteriza o período medieval. [...] Esta visão influenciou as comunidades durante muito anos e levou a que muitos fossem criticados e mesmo perseguidos pelo facto de terem atentado contra a própria vida. [...] Segundo Schneidman (1979), o tema centra da discussão acerca do suicídio foi modificado por Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII. Este filósofo francês defendeu a condição natural do homem, considerando que é a sociedade que o torna mau e criminoso, ao chamar a atenção para as condições sociais da existência humana.

Dados da Organização Mundial de Saúde - OMS (1996) refere o suicídio no Brasil como à 3ª causa de morte entre as idades de 15-44 anos, em ambos os sexos, perdendo apenas para os homicídios e os acidentes de trânsito, constatando o suicídio como um problema de saúde pública. Para a psiquiatra e psicóloga Bouchard (2010, p.1),

O suicídio na adolescência é um fenômeno trágico que não deixa de crescer. Ele se constitui na segunda causa de mortalidade entre jovens de 15 a 19 anos. Mesmo assim, a taxa de suicídio nessa população é subestimada, pois só leva em conta os números oficiais (suicídios declarados), excluindo as mortes que ocorrem em acidentes automobilísticos especiais (pegas, cavalo de paus, roleta russa, etc.)

De acordo com a psicóloga “adolescência é então um período de intensas mudanças que embora normais, fazem com que o jovem experimente níveis crescentes de ansiedade e angústia” (BOUCHARD, 2010, p.2). A autora afirma ainda que a “adolescência é um dos períodos mais propício ao comportamento suicida” (BOUCHARD, 2010, p.1).

O suicídio é um assunto que possui ainda certo tabu por grande parte da sociedade contemporânea. “O suicídio é considerado um fenômeno complexo, multifacetado, necessitando esforços coordenados de vários sectores, unidos através de uma correta metodologia de intervenção, tanto quanto possível objectiva” (SAMPAIO, 1991; p.23): A abordagem do suicídio deve abranger além de ações, finalidades e



intervenção dos profissionais da saúde, mas também pelo sistema educacional e pelos profissionais da mídia no intuito desde aspectos clínicos até atingir a extensão de prevenção.

A proposta deste estudo é apresentar uma contextualização das literaturas abordadas sobre o tema JUVENTUDE E SUICÍDIO: um estudo na perspectiva psico-sócio-educacional tendo como universo de pesquisa os casos de suicídios de jovens no Estado de Mato Grosso publicados no jornal impresso Diário de Cuiabá e a abordagem sobre o grau de relevância do papel da mídia sobre publicação de suicídio e seus aspectos na vida da sociedade.

Esse estudo está sendo realizado no Programa de Voluntariado Científico (VIC), sendo parte do Projeto de Pesquisa Juventude e suicídio: um estudo na perspectiva psico-sócio educacional, cadastrado na Pro-Reitoria de Pesquisa na UFMT e no Grupo de Pesquisa do CNPq “Educação, Jovens e Democracia” tendo como orientadora prof^a Ms. Anna Maria Penalva Mancini, do Campus Universitário do Araguaia/ICHS/UFMT, Barra do Garças – MT.

1- O suicídio na visão de alguns teóricos

O conceito de suicídio segundo Durkheim (2000, p.14) é:

[...] Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.

O suicídio na adolescência é uma espécie de fuga escolhido depois que uma série de outras condutas tenha sido testada e tenham fracassado. O adolescente acredita que o suicídio significa um desejo de mudança, de saída para o estado que se encontra. Nesse sentido, Sampaio (1993, p. 217) afirma,

[...] o adolescente suicida tentou outras formas de alterar a organização do seu sistema relacional antes do gesto autodestrutivo. Esgotadas as tentativas anteriores, e provavelmente após uma rigidificação ainda maior do sistema, o adolescente tenta o gesto desesperado, no fundo um paradoxal apelo à mudança.

A morte não é o objetivo do ato, mas a fuga de um sofrimento sentido como insuportável, mudança de vida, de cancelamento de si mesma. De acordo com Cassorla



(1992, p. 18), “[...] o suicida não está querendo necessariamente matar-se, mas matar uma parte de si mesmo. No entanto, isso é impossível, e ele, como que num engano, acaba matando-se por inteiro”. Os sentimentos de incapacidade, fraqueza que impõe os pensamentos dos jovens, o suicídio surgem como repressão e vingança. O suicídio seria um ato de fuga e comunicação, “é um ato de publicidade: a publicidade do desespero” (SABINO, 1986, p.144), o adolescente como num gesto de comunicar-se com pedido de ajuda para a sociedade.

Segundo a psicóloga Bouchard (2010, p.7), “o adolescente é impulsivo, instável, emotivo. Vive constantemente em desequilíbrio, em estado de conflito. Ele age antes de refletir. É por isso que o período da adolescência é mais susceptível para gerar comportamentos suicidas”.

Vida para jovens solteiros comuns segundo Durkheim (2000, p.347):

Esperanças novas são constantemente despertadas e frustradas, deixando atrás de si uma impressão de fadiga e desencanto. [...] A incerteza do futuro, aliada à sua própria indeterminação, condena-o portanto a uma eterna mobilidade. De tudo isso resulta um estado de perturbação, de agitação e de insatisfação, que aumenta necessariamente as possibilidades de suicídio.

2- A abordagem do Suicídio na Mídia

A difusão da mídia segundo Minini,

O estabelecimento da economia capitalista, nas ondas contínuas de industrialização, que culminou na atual “revolução pós-materialistas”, e a progressiva secularização dos arranjos socioculturais, fizeram que opiniões, atitudes, comportamentos e interesses das várias camadas sociais se cristalizasse em “sistemas de idéias valorizadas” que orientaram a conduta de muitas pessoas nos últimos três ou quatro séculos, graças à progressiva difusão social da mídia (MININI, 2008, p.34).

A comunicação de massa interliga a humanidade na globalização produzindo na vida das pessoas experiência de realidade. “O que a maior parte das pessoas sabe a respeito de muitos contextos possíveis de vida no mundo [...] não resulta da experiência direta, mas de seu contato com a mídia” (MININI, 2008, p.113).

No processo de construção da notícia os mecanismos de “determinação das prioridades” (agenda setting), “por meios da seleção, da valorização e da narração da informação a mídia realiza uma modelagem das pessoas não apenas exibindo *coisas que*



as farão pensar sobre os fatos, mas já indicando em que fatos pensar” (MININI, 2008, p.125, grifo do autor), atribuindo argumentos de interesse social.

Os valores-notícias levam em consideração as estratégias de recepção, expectativas do público, assim conforme Minini (2008, p.127) as newsmaker (produção de notícia) devem respeitar os seguintes critérios:

1. a *necessidade de surpresa*: em geral, a notícias atinge quando fornece elementos de novidade em relação ao quadro do que já é conhecido;
2. a *preferência pelo negativo*: as pessoas acham mais interessante um desastre que resultado feliz;
3. a *simplificação*: a notícia deve ser percebida em seu “núcleo de verdade”, portanto, seu texto-tipo é o comunicado, ou seja, um discurso essencial, depurado de qualquer tessitura argumentativa e de qualquer nuance expressiva;
4. a *sintonia*: a notícia é uma versão do fato já inspirada na interpretação que, possivelmente, o público daria a ele.

Traquina (2005, p.79), afirma que a morte tem valor-notícia e importância no jornalismo. Segundo o autor, “a morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos ecrãs da televisão”

Em algumas mídias no Brasil notícias sobre suicídio são trabalhadas com cautela, restrição e com reservas. Casos com celebridade e figura pública é mais complexo, mas se apresenta como valor-notícia.

Alguns veículos de comunicação ponderam publicação e composição de reportagem sobre suicídio que poderia chocar, e precipitar a ocorrência de novos casos em pessoas vulneráveis, numa espécie de imitação, contágio. A notícia serviria como inspiração para a reprodução do ato.

Para o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (2001) "Não se noticia todo e qualquer suicídio, mas também não se esconde do leitor que houve suicídio quando a morte de alguém for relevante jornalisticamente."

De acordo com Durkheim (2000, p.159), “o exemplo é a causa ocasional que faz manifestar-se o impulso; mas não é ele que cria, e, se o impulso não existisse, o exemplo seria inofensivo”.

Atos autodestrutivos teriam sido estimulados, em diversos países e momentos históricos, através de peças de teatro, filmes, livros, poesias, músicas e notícias publicadas. O exemplo clássico é a obra literária Goethe (Os sofrimentos do Jovem



Werther), publicado em 1774. A obra relata o herói após uma paixão não correspondida se mata, após a publicação do livro muitos jovens utilizando o mesmo método cometem suicídio. O livro foi proibido em diversos locais, surgindo o termo “Efeito Werther”, utilizado na literatura técnica para designar os suicídios imitativos.

Outro exemplo é do Eugênio Bucci (2000) autor do livro “Sob ética e imprensa”, relata sobre a cobertura de suicídio publicado em um jornal italiano, a reportagem dizia que a morte menos dolorosa era a provocada pelos gases expelidos pelos escapamentos dos carros. Logo após a publicação, vários jovens cometeram suicídio dessa forma.

Conforme Durkheim (2000, p.160) “[...] o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinio não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala”.

O guia da Organização Mundial de Saúde – OMS (2000, p.5) afirma:

Um dos muitos factores que podem levar um indivíduo vulnerável ao suicídio pode ser a publicidade sobre suicídios nos média. A forma como a mídia apresenta as notícias de casos de suicídio podem influenciar outros suicídios.

A teoria da modelagem social reforça o debate sobre a violência e os efeitos da mídia em condutas humanas e sua aprendizagem segundo Minini (2008, p.88), “para aprender os modos de expressar agressividade, não é necessário que a tenhamos sofrido na pele, mas é suficiente tê-la visto sendo exercida por outros em outros”.

A partir da associação da mídia e suicídio, diversos mecanismos foram elaborados com o objetivo para minimizar os supostos efeitos das publicações de atos suicidas. Em determinadas empresas de comunicação possuem manuais de redação que orientam os jornalistas no uso da língua portuguesa e recomendação de prudência em matérias sobre suicídio. O jornal eletrônico “Último Segundo” (2009, p.15) em seu manual de redação possui a seguinte regra da publicação de suicídio:

Suicídio - O Último Segundo noticia casos de suicídio sem identificar a vítima. Notícias sobre suicídio não têm destaque na home ou nos canais a não ser quando o fato for de interesse público. Admite-se destacar casos de suicídio quando o suicídio não for a notícia em si. Por exemplo: “São Paulo registrou o pior congestionamento do ano na tarde desta quarta-feira após um homem atirar-se da Ponte dos Remédios, interditando as vias locais”. A publicação de casos de suicídio que envolvam pessoas públicas deve ter aprovação prévia da direção de conteúdo.



Com a iniciativa de prevenção do suicídio a OMS produziu, em 2000, o documento “Prevenir o suicídio: um guia para os profissionais de mídia”. Esse guia orienta a mídia de como publicar, evitar riscos e elaborar as notícias de suicídio. A cautela na cobertura do suicídio pelos jornalistas é fundamental segundo a OMS (2000, p.6), como podemos observar:

Noticiar acerca do suicídio de uma forma apropriada, cuidadosa e potencialmente útil pelos mídia esclarecidos, poderá prevenir trágicas perdas de vida por suicídio.

A Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP, em 2009, desenvolveu um manual de orientação para os profissionais da imprensa sobre o suicídio. De acordo com a associação (2009, p.9-10), o suicídio vira notícia nos seguintes casos:

- Quem morreu é uma figura pública ou celebridade.
- O suicídio foi precedido de assassinato, este último perpetrado por quem se matou.
- Atos terroristas, como nos casos de homens-bomba.
- O suicídio provocou problema que afetou a coletividade (por exemplo, engarrafamento).
- Sensacionalismo criado por maus profissionais.

3- Procedimentos metodológicos:

O desafio metodológico que se apresenta é analisar as matérias publicadas de suicídio, em particular de atos suicidas de adolescentes e jovens adultos, pela empresa de comunicação “Diário de Cuiabá” nos períodos de 2005 a 2009. Foram coletadas 40 matérias sobre suicídio. A pesquisa é qualitativa e documental. Para a análise do tema foram selecionados 2 coberturas de suicídio de dois jovens de 21 e 23 anos, realizadas pelo jornal Diário de Cuiabá. O estudo realizado apresenta-se como pesquisa preliminar sobre o tema: juventude e suicídio: um estudo na perspectiva psico-socio-educacional do sub-tema a mídia e a publicação sobre suicídio: algumas reflexões.

4- O suicídio publicado no jornal Diário de Cuiabá do Estado de Mato Grosso: algumas considerações



A análise dos dados é predominantemente qualitativa utilizando as normas do código de ética dos jornalistas brasileiros, o guia de prevenção ao suicídio desenvolvido pela OMS para os profissionais da mídia e o manual elaborado pela ABP de orientação para os profissionais da imprensa sobre o suicídio, identificar os critérios de noticiabilidade do suicídio e a preocupação em publicação de notícias de suicídio. Levando em consideração a premissa do mesmo código de ética, artigo 6º é dever do jornalista, exposto no capítulo VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.

Na tentativa de analisar os conteúdos das matérias, foi utilizado o código de ética dos jornalistas brasileiro, entretanto, o mesmo não possui diretrizes específicas sobre esse tipo de caso. Optou-se, então, em construir uma análise de pesquisa através do guia da OMS (2000) e do manual da ABP (2009) desenvolvido especialmente para os profissionais da mídia orientando-os em como publicar as matérias sobre suicídio de forma cautelosa tendo como objetivo de auxiliar os profissionais da mídia de informar e, sempre que possível auxiliar a população exposta ou sob risco de suicídio.

Alguns autores defendem que a publicação de suicídio estimularia as pessoas a se matarem:

Alguns autores, atribuindo à imitação um poder que ela não tem, solicitaram que fosse proibida a reprodução dos suicídios e dos crimes nos jornais. É possível que essa proibição consiga reduzir em algumas unidades o montante anual desses diferentes atos (DURKHEIM, 2000, p.159-60).

Mas o mesmo autor afirma, “na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinio não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala”.

Segundo o guia da OMS (2000, p.6) “Noticiar acerca do suicídio de uma forma apropriada, cuidadosa e potencialmente útil pelos mídia esclarecidos, poderá prevenir trágicas perdas de vida por suicídio”.

4.1- Os casos do Diário de Cuiabá



A pesquisa foi realizada com o material sobre suicídio publicado pelo jornal cuiabano “Diário de Cuiabá”, ao longo de cinco anos, no período de 2005 a 2009. As matérias publicadas da população de jovens entre 21 a 26 anos e com a maior parte de homens, sendo 4 de homens e 1 de mulher.

O universo pesquisado compreende 2 matérias de suicídio de jovens, um rapaz de 21 anos e uma moça de 23 anos.

O código de ética dos jornalistas brasileiros (2009), em seu Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista, afirma:

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que: Capítulo III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

a) Caso I:

O Código de Ética dos jornalistas brasileiros (2007) cita no:

Art. 6º É dever do jornalista: VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão; também no Art. 7º O jornalista não pode: IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais.

Na cobertura do suicídio, edição nº 12589 publicada no dia 11 de dezembro de 2009 no jornal Diário de Cuiabá observa-se que essas regras não são respeitadas, conforme podemos verificar na notícia abaixo:

O estudante H. G. de A.³, de 21 anos, morreu ontem de manhã, após mergulhar com seu carro nas águas do rio Cuiabá, pela entrada de uma draga, na margem de Várzea Grande.

Existe um consenso quanto ao uso de imagens em matérias sobre suicídio: é preferível não ilustrar esse tipo de cobertura, principalmente quando se trata da pessoa que morreu. A ABP (2009, p.21), orienta “não fornecer detalhes do método letal nem

³ O nome das pessoas referente às notícias em análise não serão divulgados, apenas as iniciais dos nomes, respeitando a sua privacidade, embora o jornal em estudo publicou em suas matérias o nome completo das vítimas.



fotos”, mas a matéria do jornal em foco publicou a foto do corpo e do carro. Além disso, considerado pela ABP (2009, p.22), “em alguns casos, é prudente omitir o local onde o ato foi realizado. Estudos apontam para uma possível popularização desses espaços”, defendidos por muitos autores como possíveis para atos de imitação. O jornal já referido publicou:

O fato, que ocorreu por volta das **7h30 perto da Ponte Sérgio Motta**, está sendo considerado pela polícia como **suicídio**.

Conforme relata ABP (2009, p.21), “alguns entrevistados, inicialmente, poderão negar que a vítima tivesse dado sinais de que planejava se matar. Essa percepção costuma mudar com o passar do tempo”, como mostra a mesma matéria:

[...] familiares disseram estar chocados com o suposto suicídio já que desconhecem algum motivo para tal.

E ainda a mesma associação, orienta “evitar a palavra suicídio em chamadas e manchetes. Melhor incluí-la no corpo do texto”, isso não ocorre na matéria em análise conforme o texto de chamada:

H. de A., de 21 anos, entrou com o veículo no rio após se envolver em acidente meia hora antes. Polícia trabalha com hipótese de **suicídio**.

b) Caso II:

Na segunda matéria em análise, a série de 5 reportagens realizadas no caso da jovem estudante N. U., de 23 anos. A cobertura repetitiva e contínua do suicídio tende a induzir e promover as preocupações suicidárias, particularmente entre os adolescentes e jovens adultos, conforme relata a ABP (2009, p.21), “não ficar repetindo a reportagem, nem novas matérias sobre o caso.” Na Edição nº 12421, de 23 de maio de 2009, deve-se evitar palavra suicídio em chamada da matéria, mas isso aparece na chamada da cobertura:

Promotor de Chapada questiona trechos dos laudos que **reforçam tese de suicídio** e declara: [...].



O manual da OMS (2000, p.7), aponta:

Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade.

Para ABP (2009, p.21), aponta “não fornecer detalhes do método letal nem fotos”, a cobertura veicula fotos do corpo da jovem, local da morte:

[...] queda do Portão Inferno, um precipício de 90 metros de altura.

Conforme descreve ABP (2009, p. 22), “pessoas sob o impacto do suicídio estão à procura de uma “causa” para o ocorrido e podem, nas entrevistas, transmitir sua “teoria” que coloca a culpa em algo ou em alguém.” Como discorda o pai.

Ele discordou ainda da teoria de suicídio, disse ter desconfianças sobre o amante da jovem, o advogado S. P., e não descartou a possibilidade da família solicitar novos exames de necropsia.

Regina Deliberai, 47 anos, formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo do Campo - SP) em 1984 coordenadora de Comunicação da Unimed Cuiabá, há 4 anos, exerce a função de secretária geral da comissão nacional de ética dos jornalistas brasileiros. A Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ foi criada em congresso nacional com diversos jornalistas, é uma comissão não um conselho, pois a profissão de jornalista não é ainda regulamentada. . A Comissão Nacional de Ética é integrada por cinco membros, que são eleitos de forma direta por todos os jornalistas do país. De acordo com Regina Deliberai, a comissão de ética dos jornalistas não possui indicações específicas de temas para publicação. Entretanto, o artigo estabelece que: Artigo 11º, o jornalista não pode divulgar informações:

- I - visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica;
- II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;



A Comissão Nacional de Ética (CNE), com base no Código Nacional de Ética dos Jornalistas (também aprovado pela categoria em congresso nacional) julga casos de infração. A CNE é uma instância em grau de recurso. Alguém que entende-se prejudicado por alguma matéria publicada e a responsabilidade é do jornalista, encaminha uma representação ao Sindicato dos Jornalistas, que a encaminha a sua Comissão Estadual de Ética, que abrirá processo, ouvirá as partes e fará o seu julgamento. Se qualquer das partes ainda não se satisfazer com a decisão, pode recorrer à CNE.

5- Mídia e Prevenção do suicídio

A mídia pode ter uma função importante na prevenção do suicídio e nas suas coberturas jornalísticas, publicando as seguintes informações:

De acordo com a ABP (2009, p.20):

- 1) Desenvolver estratégias de promoção de qualidade de vida e de prevenção de danos;
- 2) Informar e sensibilizar a sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido;
- 3) Fomentar e executar projetos estratégicos fundamentados em estudos de eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e intervenções nos casos de tentativas de suicídio;
- 4) Promover a educação permanente dos profissionais de saúde da atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, dos serviços de saúde mental, das unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios da integralidade e da humanização.

De acordo com o manual da ABP (2009, p.18),

Os transtornos mentais mais comumente associados ao suicídio são: depressão, transtorno do humor bipolar, dependência de álcool e de outras drogas psicoativas. Esquizofrenia e certas características de personalidade também são importantes fatores de risco. A situação de risco é agravada quando mais do que uma dessas condições combinam-se, como, por exemplo, depressão e alcoolismo; ou ainda, a coexistência de depressão, ansiedade e agitação. Não se trata de afirmar que todo suicídio relaciona-se a uma doença mental, nem que toda pessoa acometida por uma doença mental vá se suicidar, mas não se pode fugir da constatação de uma doença mental é um importante fator de risco para o suicídio. A causa de um suicídio (fator predisponente) em particular é invariavelmente mais complexa do que um acontecimento recente, como a perda do emprego ou um rompimento amoroso (fatores precipitantes). Condições



sociais, por si só, também não explicam um suicídio. Pessoas que puseram fim à vida e que se encontravam numa dessas condições frequentemente tinham um transtorno mental subjacente, o que aumentou a vulnerabilidade ao suicídio. É útil divulgar uma visão abrangente da pessoa falecida, de seus problemas, ao lado de sua luta para superá-los.

Considerações finais

O ato suicida é um tema complexo, com diversas interpretações ligadas à cultura, momento histórico, meio social, entre outros. O suicídio de adolescente é algo muito preocupante, de difícil discussão, cercado de tabus, além das dificuldades enfrentadas pela idade.

A mídia faz parte da vida das pessoas, influência e conduz suas formas de pensar, agir, sentir e ver, tudo que a maioria da humanidade conhece sobre as outras culturas são apresentadas por alguma das tecnologias da mídia de massa. Nos critérios de noticiabilidade da mídia na escolha dos fatos que atendam ao valor-notícia, a morte se apresenta como algo que se vende mais fácil, pois o público tem interesse em desastre.

O suicídio é um assunto muito complexo, a publicação de atos suicidas coloca em questão o direito fundamental do cidadão à informação e os problemas que podem provocar em algumas pessoas. O cuidado em relação à veiculação de suicídio de forma inapropriada pode ser impressionante e podendo até estimular pessoas em risco em uma condição de imitação. A falta de diretrizes específicas para jornalistas de critérios na veiculação de ato suicida é muito preocupante, haja vista que profissionais despreparados e sem qualquer orientação possa publicar de maneira errada e estimar o suicídio em pessoas vulneráveis. Os jornalistas contam em algumas empresas de comunicação manuais de redação onde possuem regras de limitação éticas de fatos noticiáveis.

A cobertura realizada pelo jornal Diário de Cuiabá de suicídios se deu nas matérias analisadas de forma simplista, sem nenhuma preocupação com os a integridade das vítimas, dos leitores e com as famílias das vítimas.

Nos casos apresentados, o suicídio do rapaz de 21 anos e da moça de 23 anos, suas identidades, métodos utilizados, locais, imagens, detalhes sobre os atos constituíram as matérias em caráter sensacionalista, não respeitando as regras do código de ética do jornalista e nem das orientações de publicação elaboradas pela OMS e ABP,



ou seja: a premissa do código de ética art. 6º cap. VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão, além de cautela na publicação de suicídio para que os atos veiculados não sirvam de exemplo para novos casos de imitação ou contágio por parte de pessoas vulneráveis.

Referências bibliográficas

Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP, **Comportamento suicida: conhecer para prevenir dirigido para profissionais da imprensa**. São Paulo: ABP, 2009. Disponível em: <www.abpbrasil.org.br/sala_imprensa/manual/>. Acesso em: 15 dez. 2009

Bouchard, G. : **Suicídio na adolescência**. Disponível em: <<http://www.psychomedia.qc.ca/dart7.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

Brasil. Federação Nacional dos Jornalistas (2007): **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória – ES, 04 agos. 2010. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2010.

Bucci, E. , **Sobre Ética e Imprensa**. Companhia das Letras, 2000.

Cassorla, M.S. R.: **O que é suicídio**. Brasiliense. 4ª Ed. 1992

Durkheim, É. : **O suicídio, estudo de sociologia**. Tradução Monica Statel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Coordenador). **Manual da Redação – Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

Manual do Último Segundo, Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/manual/Manual_Ultimo_Segundo_1_ponto_2.pdf>. Acesso: em 15 jan. 2010.

Matérias pesquisadas sobre suicídio. **Suicídio**. Disponível em: <www.diariodecuiaba.com.br>. Acesso em: 5 jan. 2010

Minini, G. : **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa, Sescsp, 2008.



Organização Mundial da Saúde- OMS. Disponível em:
<http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf>.
Acesso em: 6 fev. 2010.

Organização Mundial de Saúde – OMS, **Prevenir o suicídio um guia para profissionais das mídias.** **Geneva: 2000.** Disponível em: <<http://www.tuimportas.com/files/GuiaParaMedia.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2009

Sabino, F. : **Suíte ovalliana. In: As melhores crônicas de Fernando Sabino.** Rio de Janeiro: Record, 1986.

Sampaio, D. : **Ninguém morre sozinho, o adolescente e o suicídio.** Lisboa, 1993, 13ª. ed. 2002.

TRAQUINA, N. . **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.